

OUTROS TEMPOS
PROFISSÕES

Daqui a nada...

...poucos serão os que se lembram do realejo do amolador ou do que fazia o funileiro. Fomos ouvir histórias de saberes que não passarão à próxima geração. Com eles, é um pouco do mundo que parte.

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF** (TEXTO)

E **JOSÉ VENTURA** (FOTOGRAFIAS)





É DA MÚSICA QUE O
MOINHO FAZ QUE O SR.
LEONEL MAIS GOSTA. HÁ
60 ANOS QUE É MOLEIRO,
COMO O PAI E O AVÓ

No cimo do monte onde reina o moinho, o vento assobia aos ouvidos. Sopra um som cavernoso, imponente. Os 14 metros de diâmetro de vela — as pernas do moinho — ganham velocidade, rodam, rodam cada vez mais depressa, velas desdobradas, como um pacote a vapor. A música que sai dos púcaros de barro, nas cordas que unem as velas, é pura poesia. Na verdade, os púcaros chamam-se búzios, mas isso pouco importa. O fundamental é que a melodia que entra nas tintas de metal e nos potes de argila dá origem a um concerto prodigioso... Podia ser Stockhausen.

É da música, justamente, que Leonel Guilherme mais gosta. “Gosto de ver moer”, diz, “de ouvir o moinho a fazer a música dele, com as asas brancas a dar a dar.” Mas para lá do lado estético, os búzios têm uma função: eles cantam para que o moleiro possa ir fazendo outras coisas e saiba que as pás estão a girar.

Cá em cima, no primeiro andar, a roda dentada ganha força, a mó gira, o milho cai, e segundos mais tarde, temos farinha. Parece pó de ouro, com a luz do sol a bater. O sr Leonel tem 72 anos feitos, mas a energia de um moço. Há seis décadas que é moleiro. “Isto não é para todos”, lança, logo. “Só tirar a mó são 300 quilos. Mas eu tiro-a sozinho”, garante. Leonel é filho e neto de moleiros — é já a terceira geração que se dedica ao ofício, facto quase único num país que em 1962 contava 16.130 moinhos e azenhas e agora não chega a uma centena. “Só o meu bisavô não sei bem o que foi.” A pele do rosto curtida, corpo seco, olhos vivos de um azul céu. “Tenho muito amor ao moinho”, conta.

Começou a trabalhar aos 12 anos, com o pai e o irmão. Lembra-se de quando acompanhar o progenitor “era um castigo” — sonhava ser agricultor. Mas depressa ganhou “o vício do moinho”. Ia para lá cedo, limpava o trigo. E às vezes, se sentia vento, levantava-se às 2h ou 3h da manhã para vir moer. “Tinha que aproveitar as noites, que era quando havia mais vento. Muitas noites passei a trabalhar, com candeeiros a petróleo. E muitas vezes dormi aqui.” Diz isto sem queixume. “Há 28 anos, chegavam a fazer-se 400 quilos de farinha por dia — cinco sacos. Hoje, muitas vezes não se faz um de 40 quilos.”

O senhor Leonel trabalhou em três moinhos. Comprou um, em Relíquias, aqui perto de Odemira, e vendeu-o 30 anos mais tarde, “por 5000 contos, a um bailarino de Lisboa, que tinha muitas saudades dos moinhos do Restelo”. Recordações de infância... Aqui em Moinhos Juntos, propriedade da câmara, está há 18 anos. “Quando comecei, havia muitos moleiros. Era gente muito unida. Se era preciso plantar a mó, vinham logo vários ajudar. Se se estava

atrapalhado, armava-se uma vela para pedir auxílio — e apareciam dois ou três. Hoje, nem vale a pena. Aqui no concelho, já só há três moinhos a funcionar. E eram 200...” Leonel tem pena de ver a sua profissão acabar. Mas acalenta a esperança de que o filho, a quem ensinou os segredos do ofício, ainda venha cá parar.

“O vento hoje não presta. Ora vem, ora pára”, desfia, enquanto solta as velas e vai dando corda, desviando-se dos mastros e fazendo dextros nós de marinheiro. Houve um tempo em que também ele fazia as velas, em tela, há 20 anos. Depois, vendeu “a mániqa”, conta, a 3ª classe a não acompanhar a sabedoria que a vida lhe deu. “O meu pai dizia que desde o ciclone de 1941, o tempo nunca mais ficou bom. Ainda hoje não sei prever o tempo, quando vem muito de repente. Neste moinho, já deixei partir três mastros em 18 anos que aqui estou.” Aquilo que mais teme “são as trovoadas, quando se põe muito vento”. Por isso, quando o moinho está a moer, estou sempre a olhar para cima — para o cata-vento (no topo do tecto). Se a seta não está alinhada com o mastro, tenho de dar uma volta ao “sarilho” (espécie de leme em madeira) para o endireitar.

Na saia que veste a mó, estão várias anotações escritas a lápis. Entre elas, a data da última vez que picou a mó — o “segredo da boa moagem”, segundo o moleiro. E a data em que o pai morreu. “Para não me esquecer”. “Noutros tempos, as raparigas gostavam dos moleiros. Ao menos não lhes faltava o pão... Mas hoje, diz-se que os moleiros são como os burros e como as rãs. Têm tendência a acabar.”

A lata é uma arte A rádio Antena Miróbriga debita música pop. É o único vestígio de modernidade na oficina de seis metros por seis do senhor António Torrão, em Santiago do Cacém. Do tecto do pequeno espaço pendem inúmeros utensílios em lata — regadores, funis, baldes, cinchos para os queijos, infusas para transportar o leite, talhas de 100 ou 200 litros para pôr o azeite. Tudo peças de outros tempos, do mesmo cinza metálico, nascidas das mãos do artesão. Das lâminas de folha cortadas a partir dos moldes, desenhados a lápis, passando por uma sucessão de máquinas — a feira, a bigorna, a calandra —, a obra ainda nasce quando alguns homens sonham...

Hoje, a actividade de funileiro mal dá para o sustento, conta António. “Há meses que não chego ao salário mínimo. Isto praticamente está parado”. Por isso, vai acumulando biscates, “para safar”. Lembra-se bem de quando começou a trabalhar aos 14 anos — já lá vão mais de quatro décadas a moldar a chapa. “Este é um trabalho muito lindo. Fazemos tudo o que a pessoa quiser”, conta, com um sorriso. “Sinto-me muito pequeno perante a possibilidade disto acabar”, diz meio acabrunhado, não escondendo a pena

que tem de nenhum dos filhos demonstrar interesse. “Às vezes, acho que escolhi esta profissão para ajudar os pobres. Antigamente, havia muita pobreza. Se me aparecia uma senhora com uma caneca em esmalte esburacada, eu soldava-a e não levava nada. Procuravam-me muito. Hoje, conserto tachos de arame, ponho rebites...” Mas nada que se compare com o serviço que havia antigamente. “Faziam-se 15 regadores de uma vez — sendo que um regador demora um dia e meio a fazer. São 16 peças de chapa, que precisam de ser soldadas. Quando chegou o plástico, roubou-nos muita clientela. É mais barato... Mas também não tem nada a ver”, apressa-se. “Se um regador de 12 litros em alumínio



JÁ HÁ POUCOS FUNILEIROS. ANTÓNIO SENTE-SE PEQUENO PERANTE A PERSPECTIVA DO FIM DA PROFISSÃO

pode custar €25, também dura muito mais.”

Exemplifica. Para fazer um simples funil, António começa por riscar no ferro, a lápis, o molde do objecto — “os que estão pendurados têm mais de meio século”, diz com orgulho. Depois, com uma tesoura, corta. Passa então à fieira, depois à bigorna, que tem mais de 100 anos, embutida num tronco de árvore. O funil ganha forma. Em seguida, vai ao maçarico, para soldar, volta à bigorna, onde é endireitado, acertado e cortada a diferença dos bordos. Depois, faz-se o bico, soldam-se as duas peças, e resta apenas fazer a asa.

Do latoeiro com quem aprendeu, recorda que “era alguém que gostava de ensinar. Eu via os colegas a fazer e aprendia”. “Hoje, para mim, na-

Noutros tempos, as raparigas gostavam dos moleiros. Ao menos, não lhes faltava o pão

da é difícil. Mas, às vezes, ainda me aleijo. Hei-de trabalhar nisto até poder. É preciso ter um bocadinho de vaidade no que se faz para ser funileiro.”

Afiar uma língua própria Ao entrar na loja de José Garcia, ouve-se falar galego. Os típicos ‘xes’ do idioma regional bailam no ar, numa conversa entre cliente e amolador, a propósito de um guarda-chuva. Chove lá fora, efectivamente, e esses dias são sempre bons para este ofício quase desaparecido. Entre as lojas dos chineses, onde as sombrinhas se vendem por €5, quem é que quer comprar um guarda-chuva a €60? Mas ainda há quem queira. O cliente, meio português meio galego, que sai da loja, falava o idioma da Galiza



porque sabe que José Garcia partilha com ele a naturalidade. Na verdade, é desta região que vieram os amoladores originais, os primeiros e os verdadeiros — de uma aldeia chamada Nogueira de Ramoin, que até tem dialecto próprio, o “barallete”. Todos os anos José vai lá de férias, como de lá veio, aos 3 anos, e por cá casou — com uma galega, espante-se. “Em 1957”, explica, “os galegos vinham para Portugal fazer o Inverno. Eram quase uma centena. Por isso começou a dizer-se que os amoladores trazem a chuva...”

Hoje, aos 68, José conta cinco décadas no ofício da amolação. Sempre em loja. Esta, em Alvalade, tem as portas abertas há 40 anos. O pai e o avô é que ainda palmilharam de carrinho e roda de esmeril as ruas de Lisboa. “O meu avô andou pela Argentina, depois veio para cá”, desfia. “O meu pai, mal pôde, montou isto (a loja), em 1951. Não sei o que aconteceu ao carrinho dele, à roda, se os vendeu.” Tão pouco ficou com o realejo do pai. “Era de madeira de buxo, amarela, feira em Braga.”

Em 1957, quando começou no ofício, “era um mundo completamente diferente. Ainda se punham gatos nos pratos (grampos de ferro, que unem). Mas isso era na altura em que comprar um prato era uma festa... Amolava-se muita faca para os supermercados, para as peixeiras, para os talhos. As casas de modistas traziam tesouras. E guarda-chuvas, havia mais 90% do que hoje. Che-

guei a dormir aqui, quando havia muito trabalho, nos anos 60. Vinha às 7h e saía à uma da manhã. Era uma escravatura.” Por isso, diz não ter pena de nenhum dos quatro filhos dar continuidade à profissão, que perpetua há três gerações.

“Não sei é que acordo o governo fez com os chineses, que vendem guarda-chuvas a €5”, queixa-se. “Se eu arranjo um guarda-chuva por €3, só os bons é que vêm cá parar. Este, por exemplo, foram duas horas de trabalho”, diz, abrindo uma linda sombrinha vermelha, de origem asiática. E aponta o mostruário por trás dele, cheio de guarda-chuvas perfilados, “quase metade do ano passado. Com sinal pago. Não os vêm buscar”. Amolar uma faca custa em média €2; uma tesoura são 7; um chapéu de chuva fica entre 5 e €18, “consoante o tempo que demore a arranjar”. “Hoje, tira-se uma média entre os 500 e os €1000 por mês”, partilha.

Foi o pai quem ensinou o ofício a José e ao irmão — também amolador, e igualmente dono de uma loja, na Praça do Chile, desde 1943. Aprendeu vendo. “Ganha-se experiência pela prática. Isto não tem segredo nenhum”, garante. Amiúde, entram clientes — todos para arranjar ou levar guarda-chuvas — a chuva compensa. São sobretudo pessoas de idade, senhores bem postos, engravatados, educados, típicos de Alvalade. De outros tempos, também. “A maioria é cá do bairro”, confirma José, “mas também vêm de

Benfica, do Restelo, de Algés, onde não há amoladores.” Aliás, hoje, “só restam cinco ou seis”, afiança. “Não contando com esses aldrabões das bicicletas que para aí andam. Querem trabalhar cinco minutos e levar o dinheiro... Não prestam para nada.” “De há uns anos para cá, quase todos os amoladores que havia reformaram-se ou morreram. Como eu. Qualquer dia fecho. Reformei-me e só estou aqui para não me enfrascar em televisão.” Faz uma pausa, e corrige: “Posso ter pena de ver a profissão desaparecer, mas o que é que posso fazer? Não vou mudar o mundo...”

De cabeça de giz a Senhor Lei “A Paixão”. É isto que se lê na chapa de identificação do polícia sinaleiro que todos os dias orienta o trânsito no cruzamento da Rua da Escola Politécnica com o Largo de São Mamede, ao Príncipe Real. As iniciais de António Paixão fazem jus ao amor que coloca no seu trabalho. No meio da dança de mãos e passos quase coreográficos, luvas brancas a oscilarem no ar, a condizer com o capacet, que lhe dá um leve ar de cavaleiro andante, António desfaz-se em sorrisos e atarefa-se a responder a todos os que lhe dirigem a palavra. “Bom dia, agente Paixão!”, ouve-se de todos os lados. Peões, locais, condutores, todos demonstram conhecer o agente que parece o “Senhor Popularidade” cá do sítio. Até beijinhos de uma moradora recebe. E ele, vai distribuindo votos



JOSÉ GARCIA É AMOLADOR DESDE 1957. GARANTE QUE JÁ SÓ HÁ CINCO OU SEIS EM LISBOA

ANTÓNIO PAIXÃO É UM DOS DOIS ÚNICOS POLÍCIAS SINALEIROS DO PAÍS. É QUASE ACÇÃO SOCIAL, DIZ



de Bom Natal, sorriso rasgado e afectuoso.

Há 13 anos que o agente Paixão, que soma 46, orienta o trânsito nesta esquina, onde gere três faixas de rodagem em sentidos diferentes, uma das quais exclusiva para transportes públicos, e duas passadeiras. Veio cá parar por acaso — havia uma vaga e convidaram-no, não era sonho que sempre tivesse tido —, mas ocupa o lugar mais cobiçado dos polícias sinaleiros. “É por ser o sítio do *jet set*”, conta, sorriso traquina. «Mora aqui muita gente famosa... Vejo muitas vezes a Simone de Oliveira, o Sérgio Godinho, o António Vitorino, o João Soares, o António Costa...», desfia. “Até a senhora D. Amália me dizia adeus...”, partilha com orgulho.

O colega do Beato, que se reformou há pouco, tinha muita inveja deste sítio, consta. Com a sua saída de cena, sobram apenas dois polícias sinaleiros em todo o país — o agente Paixão e outro em Belém. António mantém, de resto, os números de telemóvel dos quatro que existiam em Lisboa até há poucos meses. Fora da capital, não sobrou nenhum. O último sinaleiro de Coimbra — ‘o Eléctrico’ — reformou-se não há muito. E também já não há mulheres neste ofício, como houve, conta. Longe vai o tempo em que todos os cruzamentos tinham um polícia sinaleiro, antes de haver semáforos. Mas o agente tem fé que não se extinga o seu posto. Ficaria triste. “Já acabaram tantas figuras típicas da cidade...”

Antes, chamavam-lhes “cabeças de giz”. Hoje, os miúdos chamam-lhe “Senhor Lei” (por causa do popular boneco Noddy). A António, nunca lhe aconteceu ser atropelado, como sucedeu ao seu colega de Xabregas, a quem uma senhora abalroou um joelho. Mas acontecem-lhe todo o tipo de coisas: desde “ter de tirar sem-abrigo do meio do cruzamento, que se põem a dar ordens ao trânsito. Ou uma senhora com distúrbios mentais que vinha ter comigo, que eu punha no passeio e que voltava”. “Há muita gente só”, conta. “Então os idosos, vêm muito perguntar as horas, e depois ficam à conversa. Há gente que só me quer dar um aperto de mão ou um beijinho...”

A solidão das pessoas é o que mais o marca. Foi por isso que decidiu fazer, já depois dos 40, o curso de Acção Social, na Universidade em frente à qual trabalha todas as manhãs e tardes das 8h às 11h30 e das 16h30 às 20h — a Universidade Aberta. Tornou-se assim o único polícia sinaleiro licenciado do país. Escolheu Acção Social porque, diz, isso já fazia parte do seu dia-a-dia. Foram quase cinco anos de curso, com estágio no centro social da freguesia de São Mamede. Agora, confessa-se até meio dividido entre a acção social e o serviço na polícia. Até porque “a comunicação com as pessoas é o que me dá mais gozo, quando não há muito trânsito”. “Este é um trabalho stressante. Agora, já sei gerir melhor isso. Ando a pé, no fim do meu turno, conta.

**Em 1957,
os galegos
começaram a vir
para Portugal
no Inverno.
Por isso se diz
que o amolador
traz a chuva**

Fora de serviço, acontece-lhe ver situações de trânsito caóticas e ficar “a ferver”. “Às vezes estou numa passadeira e há velhotes que tempos à espera... Não aguento. Tenho de lá ir mandar parar o carro para deixar passar o peão. Acabo por me sentir psicologicamente fardado.” De resto, o agente Paixão nem gosta de andar no trânsito. “Tenho o carro em Coimbra. Não gosto muito de conduzir, prefiro andar de comboio.” No café, não param de o interpelar. Até o antigo polícia sinaleiro António Maria Manuel, que ocupou o mesmo lugar do agente Paixão durante 20 anos, vem falar com ele. Do que este sinaleiro mais vai sentir a falta, quando deixar de o ser, “é das pessoas”. “E do capacete branco de alumínio, com o distintivo.” Embora confesse gostar mais do capacete de Verão, de estilo colonial, que os turistas não se cansam de fotografar. “Até já recebi ofertas para o vender.” E talvez sinta falta das vezes em que os automobilistas não precisam de sinal para pararem na passadeira. É nessa altura que vê aplicada a expressão “mulheres de parar o trânsito”... ■